



## *Recomendação*

### **“Comemorações do Centenário da Revista Seara Nova”**

«Nasceu de uma reunião na Biblioteca Nacional, no Gabinete do Director, onde me encontrei a convite de Raúl Brandão, Raúl Proença, Aquilino Ribeiro, Ferreira Macedo e Jaime Cortesão (...) Um dia, os elementos afins reuniram novamente e decidiram fundar uma Revista de doutrina e crítica e organizar uma secção editorial, cuja base comercial foi a Empresa de Publicidade Seara Nova, baptizada por Aquilino, que sugeriu a primeira palavra, e por mim (Câmara Reys), que a completei com a segunda» IN <http://searanova.publ.pt/um-seculo/criacao/>

A Seara Nova iniciaria a sua publicação em 1921, ostentando o seu primeiro número a data de 15 de Outubro de 1921. O vasto grupo de colaboradores pretendia intervir activamente na vida política do País, aproximando a elite intelectual republicana e progressista da realidade portuguesa, servindo-se do novo periódico como foco da sua potencial acção pedagógica e doutrinária.

Como mais prolíferos autores desse grupo destacaram-se António Sérgio, Fernando Lopes Graça, Luís da Câmara Reys, Augusto Casimiro, Raúl Proença, entre outros vultos como José Rodrigues Miguéis, Irene Lisboa, Jaime Cortesão ou Agostinho da Silva.

Após o golpe militar de 28 de Maio de 1926, e a instituição de um regime de censura prévia, através da Constituição de 1933 e do Decreto-lei nº 22.469 (conhecida por ‘lápiz azul’), a Censura alterava ou cortava palavras e expressões ou eliminava parágrafos inteiros, suprimindo liberdades de expressão e informação, sendo-lhe aposto o dístico ‘Visado pela Comissão de Censura’, que aparece pela primeira vez no seu número 94, de 8 de Julho de 1926.

Assim, durante o período da ditadura foram-lhe amputados inúmeros textos, a título exemplificativo, da autoria de António Sérgio, Padre António Vieira (!!), Bento de Jesus Caraça, Bertrand Russel, Diana Andringa, Fernando Lopes Graça, Fiama Hasse Pais Brandão, Bernardo Santareno, Jorge Peixinho, José-Augusto França, João José Cochofel, Luís Vaz de Camões (!!), Martin Luther King, Mário Soares, Mário Sottomayor Cardia, Natália Correia, Sam (cartoonista), Sérgio Ribeiro, Urbano Tavares Rodrigues, e até Jogos Infantis (foto com crianças a jogar ao berlinde).

Em 12 de Agosto de 1926, a edição normal da revista é interrompida, tendo, após oito meses de interregno, voltado a sair em 14 de Abril de 1927, com quase toda a sua anterior direcção no exílio, casos de António Sérgio, Raúl Proença, Jaime Cortesão e Sarmento Pimentel.

A Revista constituía também uma plataforma que aglutinava intelectuais empenhados na denúncia do regime e no reforço da luta anti-fascista, constituindo-se como uma espécie de ‘caldeira’ em que várias ideias e concepções da sociedade e do futuro se encontravam, convergindo em iniciativas unitárias e formas de intervenção cívica e política em prol da democracia e da liberdade.



Considerando que no presente mês de Outubro a publicação, que continua hoje a ser regularmente editada com uma periodicidade trimestral, para além de festejar os seus 99 anos de existência, começa a preparar as comemorações do seu centenário em 2021.

Neste sentido, a Assembleia Municipal de Lisboa delibera, na sequência da presente proposta do Grupo Municipal do Partido Ecologista Os Verdes, recomendar à Câmara Municipal de Lisboa que:

1 - Apoie a preparação das comemorações do centenário da prestigiada Revista Seara Nova, que irão decorrer durante a ano de 2021.

2 - Estude a viabilidade de atempadamente promover um colóquio ou seminário sobre o papel desenvolvido pela Revista e pelos seus autores na cultura da Capital e do País.

3 - Colabore nas necessárias acções de divulgação das referidas comemorações.

Mais delibera ainda:

- Enviar a presente deliberação ao corpo editorial da Revista Seara Nova.

Assembleia Municipal de Lisboa, 30 de Setembro de 2020

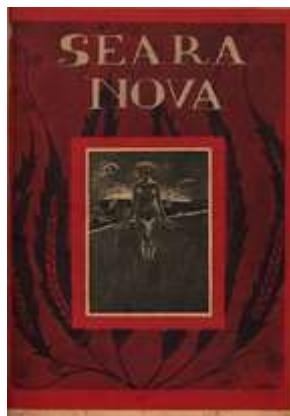
O Grupo Municipal do Partido Ecologista “Os Verdes”

Cláudia Madeira

J. L. Sobreda Antunes



## A N E X O



Extracto Editorial:

«A SEARA NOVA representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos mas não da vida política, para que se erga, acima do miserável circo onde se debatem os interesses inconfessáveis das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional.

Não comunga ela no vão e pernicioso sofisma de que são os políticos os únicos culpados da nossa situação. A verdade é que os políticos não são melhores nem piores do que o permitem as condições gerais da mentalidade portuguesa. Todo o país tem de aceitar a responsabilidade que lhe cabe no desastre colectivo; todo o país, e em especial a sua elite. A vida política duma nação é, em grande parte, o reflexo da sua vida intelectual, dos seus movimentos de ideias, das aspirações mais profundas do seu escol. Por outro lado, nenhum regime político de mentira e incompetência se pode manter em qualquer país sem que essa incompetência e essa mentira sejam os característicos dominantes da sua própria elite intelectual. De outra forma, as monstruosidades e as traficâncias impedi-las hia o seu protesto organizado. Em última análise, é ela a maior responsável, porque constitui aquela parte da consciência duma nação que deveria ser a última a desfalecer ou a corromper-se (...).» Seara Nova nº 1, de 15 de Outubro de 1921».

«O movimento seareiro radica nas aspirações mais sentidas do povo português no que toca à distribuição da riqueza social, à aplicação da justiça informada pelos ideais democráticos, à exploração racional das reservas naturais e humanas, à igualdade de oportunidades sociais para todos os indivíduos sem discriminação, ao acesso dos mais aptos cidadãos à gestão do Estado e à orientação das instituições políticas, económicas e culturais (...)» (1961).